

Sexualidade e Esporte: contribuições para um diálogo¹

Wagner Xavier de Camargo

Vamos falar de sexualidade?

Trazer a temática "sexualidade" para dentro dos estudos sobre esportes não é tarefa simples. Primeiro porque o tema ressenete-se de comuns preconceitos instituídos socialmente, os quais confundem sexualidade e práticas de sexo. Em que pese haja uma relação entre tais nomações, elas são distintas entre si. Como aponta Facchini, Daniliauskas e Pilon (2013, p. 169), a sexualidade, "[...] apesar de significativos avanços nas últimas décadas, figura como um tema tabu em muitos aspectos". No artigo em que resgatam historicamente e ponderam sobre a produção de conhecimento nas áreas de Gênero e Sexualidade no mundo e no Brasil, tais autoras também destacam que temas relativos à multiplicidade de expressões e vivências da sexualidade "[...] ainda são controversos, em âmbitos político, social e até acadêmico" (FACCHINI; DANILIAUSKAS; PILON, 2013, p. 170).

Em segundo lugar, porque sexualidade acaba sendo considerada marginal, haja vista a pouca importância conferida a ela por pesquisadoras(es) na Educação Física, área de conhecimento que tem os esportes como objeto primordial. Além de ser praticamente ausente enquanto pauta de investigação, quando abordada em pesquisas biológicas, sociais ou educacionais nessa área, a sexualidade geralmente acaba sendo encampada a partir do binarismo de gênero (homem/mulher ou menino/menina), do

1 Não da forma como desenvolvido aqui, mas tema da sexualidade apareceu pela primeira vez no GT de Antropologia dos Esportes na 23ª RBA, em 2002, por meio do trabalho de Marcel Freitas, *Um estudo acerca do homoerotismo no futebol e sua correlação com a construção da masculinidade entre torcedores*.

sexo biológico (macho/fêmea) e, frequentemente, não se questiona o *status* invisível de poder da heterossexualidade compulsória (obrigatória).

Desta feita, de parte das chamadas Ciências Sociais, apresentam-se outras possibilidades de tratamento analítico para a sexualidade, como mostram alguns escritos que se debruçaram sobre a produção de conhecimento entre ela e o campo conhecido como Estudos de Gênero (FRANCH; NASCIMENTO, 2020; FACCHINI; FRANÇA, 2017; DANILIAUSKAS; PILON, 2013; GROSSI, 2010; PISCITELLI, 2009, 2004).² Nessa área há uma longa tradição de pesquisas sobre sexualidade, datada de meados dos anos 1950, em âmbito internacional, que busca abordá-la como atividade humana (incluindo aspectos sociais como o desejo), passível de ser estudada (GAGNON, 2006). E, pelo que demonstraram os balanços bibliográficos mencionados, há um lastro de pesquisas em âmbito nacional sobre a temática. Tal desenvolvimento aconteceu *em concomitância com os* de Estudos de Gênero, signatários das críticas postuladas pela segunda onda do feminismo e do estudo das mulheres, que acabariam por firmar o termo "gênero" como categoria de análise nos anos 1980 (SCOTT, 1986). Em que pese os Estudos de Gênero e de Sexualidade terem adquirido importância no contexto de pesquisas do país em suas múltiplas subdivisões temáticas (como nos mostrou Grossi), o tema esporte tem sido marginalizado, não sendo elencado nem como problema sócioantropológico de pesquisa.

Por outro lado, na Sociologia do Esporte (disciplina que traz o esporte como mote investigativo), uma das subáreas da Sociologia, assuntos relativos à sexualidade pouco ou nada aparecem no rol de considerações analíticas. Nesse sentido, o máximo que autores consagrados da área (como Bourdieu, Elias, Brohm, Guttmann) proporcionaram em relação à temática "esporte" foi discutir a dominação masculina (BOURDIEU, 2007), as ativi-

2 Particularmente o artigo de Facchini, Daniliauskas e Pilon (2013) mostra a influência dos campos de estudo de gênero e de sexualidade no âmbito internacional sobre uma produção científica brasileira, que, na opinião das autoras, é bastante particular – por isso, propõem manter a ambiguidade da aproximação/afastamento entre os campos de estudo (gênero e sexualidade), do que defender qualquer separação (mais detalhes, conferir p. 172 e ss.). No texto de Piscitelli (2009) é importante perceber as demarcações eletivas que a autora faz, mostrando em dados momentos a separação analítica entre os dois campos de estudos, mas também como o "gênero adquire centralidade na produção de convenções eróticas" (p. 15).

dades esportivas como “área de reserva” dos homens (ELIAS; DUNNING, 1992) ou o esporte como fator de repressão sexual (BROHM, 1993). O caso de Guttmann (1996), no entanto, é paradigmático: como historiador e um dos nomes respeitados na sociologia do esporte, ofereceu uma obra enigmática intitulada *The Erotic in Sports*, que resgata dimensões sexuais e eróticas nas expressões corporais de gladiadores, lutadores gregos/romanos, e mesmo de esportistas contemporâneos.³

Neste capítulo, portanto, pretendo explorar a partir de minhas pesquisas a sexualidade como um dispositivo, segundo acepções foucaultianas, ao mesmo tempo em que demarcarei contribuições entre ela e o campo dos Estudos de Gênero, no contexto de investigações de uma *antropologia das práticas esportivas*.⁴

O dispositivo da sexualidade e sua contribuição

Em uma obra magistral, Michel Foucault (1985) questiona nossas crenças tácitas em uma sexualidade como “dado da natureza”, cuja verdade intrínseca poderia ser capturada pelas ciências (psicológicas, fisiológicas, médicas). A fim de destacar seu caráter artificial como reguladora de corpos, comportamentos e produção de subjetividades, o autor nos oferece a concepção de “dispositivo da sexualidade”. Inscrito em um jogo de poder e

3 Reconheço como uma das limitações deste texto não conseguir fazer um levantamento nacional (e mesmo internacional) sobre uma possível produção acerca da temática sexualidade no campo da Sociologia do Esporte, mas isso transbordaria o propósito aqui instituído.

4 Adoto aqui “antropologia das práticas esportivas” em vez de Antropologia do Esporte por acreditar que tal nomeação confere um caráter mais dinâmico aos estudos que dão conta das práticas que vão sendo esportivizadas cotidianamente e tornam-se alvo de uma analítica antropológica em desenvolvimento. Toledo (2001, p. 137) já fizera uma defesa semelhante, noutros termos, afinal “Não se trata aqui de uma simples disputa terminológica, mas incorporar à análise uma gama de práticas sociais tangíveis observadas entre grupos sociais que praticam determinadas atividades físicas reguladas, mas que, não necessariamente, se esgotam numa definição como a de esporte [...]”. Porém, há quem defenda “Antropologia do Esporte” na medida em que tal campo necessita de legitimação acadêmica e reconhecimento (inclusive institucional) para poder se ampliar e desenvolver. Por outro lado, acredito também que eu mesmo possa ser considerado representante da primeira geração de “antropólogos esportistas” (que eu chamaria de “antropólogos do esporte”), como destaca Toledo em seu capítulo *Sociabilidade: etnografia de um conceito*, presente neste livro.

ligado a configurações de saber⁵, o dispositivo se caracterizaria como estratégias de relações de força sustentando tipos de saber/conhecimento. Para ele, a sexualidade é um ponto de passagem particularmente denso pelas relações de poder. Em suas palavras:

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 1985, p. 100).

Portanto, a sexualidade não é algo "natural" ou inerte ao próprio sexo, mas se caracteriza como um dispositivo histórico de poder, que segundo Foucault deixa marcas indeléveis nas sociedades ocidentais modernas. O dispositivo de sexualidade origina-se, então, dos novos poderes instituídos (soberano, disciplinar e regulador) que foram se estabelecendo em relação à vida, desde o século XVII, desenvolvendo técnicas para sujeição do corpo e controle da população: o sexo torna-se foco de disputa política.

Nos ditos de Foucault (1985, p. 136): "de um lado, [ele] faz parte das disciplinas do corpo: adestramento, intensificação e distribuição das forças, ajustamento e economia das energias. Do outro, o sexo pertencente à regulação das populações, por todos os efeitos globais que induz". Em resumo, o sexo é "acesso, ao mesmo tempo, à vida do corpo e à vida da espécie" (FOUCAULT, 1985, p. 137).

Portanto, a partir do século XVIII, quatro conjuntos estratégicos desenvolvem dispositivos específicos de saber-poder acerca do sexo: a) a *histerização do corpo da mulher*: a mãe em sua figura de "mulher nervosa" é o exemplo disso; b) a *pedagogização do sexo da criança*: crianças são "seres sexuais liminares" e devem ser vigiadas/controladas no tocante à masturbação; c) a *socialização das condutas de procriação*: controle da fecundidade

5 Importante lembrar que ele não entende poder como "sistema geral de dominação", mas sim como uma situação estratégica e onipresente, pois se produz a cada instante, nas relações entre um e outro ponto.

dos casais; d) a *psiquiatrização do prazer perverso*: desenvolveram-se tecnologias corretivas contra "anomalias" (aspas irônicas e minhas). (Cf. FOUCAULT, 1985, p. 99-100).

Como nos mostra o autor, a preocupação com o sexo aumenta ao longo do século XIX e alvos vão se edificando como empreendimentos dos dispositivos específicos de saber-poder, quais sejam, "a mulher histórica, a criança masturbadora, o casal malthusiano, o adulto perverso" (FOUCAULT, 1985, p. 100). Aos poucos, e por meio de uma mecânica que esquadrinha em detalhes corpos e desejos vinculados às práticas sexuais, uma nomeação e classificação conceitual vai ganhando espaço, hierarquizada entre o que se definia como "normal" e, por conseguinte, "anormal" (termos foucaultianos).

Numa palavra, uma vez constituído o dispositivo histórico da sexualidade, o sexo (com seus misteriosos desejos, com sua fisiologia complexa, com suas aberrações assustadoras) se tornou uma instância privilegiada de determinação da verdade mais íntima dos sujeitos e de sua classificação enquanto pertencentes à classe das anomalias ou da normalidade, separando-se os indivíduos e as populações entre os que constituem perigos a serem socialmente disciplinados, vigiados, castigados e os que fornecem o parâmetro para as boas sociabilizações (CÉSAR, 2017, p. 244).

Das novas subjetividades em cena, produzidas no âmbito do dispositivo histórico da sexualidade, Foucault destaca a figura do "jovem homossexual" e como ela foi produzida por um discurso médico:

O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre (FOUCAULT, 1985, p. 43).

Ora, o autor vai sublinhar que, com o nascimento do "sujeito homossexual" (nos meios médicos ainda em fins do século XIX), a homossexualidade habita o universo das "sensações contrárias", e a sodomia, que veio à tona, era um tipo de "ato interdito". A homossexualidade nasce, portanto, quando ocorre a passagem da sodomia para um "hermafroditismo da alma" (FOUCAULT, 1985, p. 44).

No curso no *Collège de France*, entre 1974-1975, e também em *Os anormais* (2001), o autor vai dizer que o grupo dos "anormais" se formou via 3 elementos, a saber: 1) o "monstro humano", exceção em relação à espécie que, particularmente, trazia a perturbação frente às realidades jurídicas (como casamento, batismo e sucessão); 2) "o indivíduo a se corrigir", preferencialmente com enclausuramento; e 3) o "onanista" ou a criança masturbadora, que "abusava" da sua sexualidade (FOUCAULT, 1997).

Dentro do primeiro grupo estava o chamado "hermafrodita" – ou o que se define atualmente por "intersexo" –, sujeito que habita o domínio das sexualidades não normativas e, possivelmente, participe junto com homossexuais e afins das denominadas "sexualidades periféricas" em relação às que compõem o dispositivo de aliança (FOUCAULT, 1985, p. 41 e ss.).

No longo trato com vasta literatura médico-jurídica sobre tais sujeitos, Foucault (2001) percebeu um deslocamento acerca da abordagem da questão: o/a hermafrodita deixava de ser "monstro" e passava a ser caso clínico (ou anormalidade anatômica e fisiológica). Nesse sentido, pontuando como o hermafroditismo não estaria fora da natureza (mas habitaria a monstruosidade do caráter), a partir do século XVIII, as questões médicas vão se centrar na reintegração de tal sujeito ao sexo verdadeiro. Pode-se inferir que, mediante o que fora apresentado pelo autor, aquilo que se observa no trajeto histórico em relação à figura de hermafroditas diz muito sobre a configuração do dispositivo da sexualidade, o qual somente se estabeleceu por completo com a consolidação dos discursos das instituições médico-jurídicas, ao longo do século XX.

Conforme Maria Rita César também expressou: "no interior do dispositivo de sexualidade não se pode tolerar qualquer dubiedade na determinação do sexo, de modo que se não houver perfeita correspondência entre

o sexo e uma anatomia definida, então será necessária a produção de uma verdade médica que estabeleça a correta definição" (CÉSAR, 2017, p. 245).

Não seria absurdo considerar, dadas as preocupações endereçadas por Foucault em vários escritos, que a sexualidade chega ao século XXI como um elemento crucial na definição e organização da verdade mais íntima dos sujeitos, capaz, portanto, de produzir inúmeros e danosos efeitos de normalização e patologização sobre suas vidas e de populações inteiras. Sobre isso me deterei mais especificamente no próximo tópico.

Sexualidade como dispositivo nos esportes

A discussão da sexualidade como dispositivo no meio esportivo foi extremamente útil em minha investigação doutoral. Levada a cabo durante 6 anos (iniciada 2 anos antes do ingresso no programa), acompanhei vários eventos esportivos internacionais direcionados ao público LGBTQIAP+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, *queer*, intersexo, assexuais, pansexuais e demais), em vários países.⁶ Notadamente havia um predomínio de "homens que mantinham relações afetivo-sexuais com outros homens" (FRANÇA, 2012) ou também autorreferenciados "homossexuais" e "gays".

No decorrer da pesquisa, percebi que a suposta identidade a qual conclamavam ("homossexual" ou "gay") estava longe de ser fixa, e que se colocava como múltipla, híbrida, instável e, por vezes, invisível (CAMARGO, 2012). Assim, encontrei em pistas, tatames, piscinas, campos e ginásios corpos não alinhados à estética da heterossexualidade (sim, vou tratar aqui a heterossexualidade como apenas uma estética, afastando seu caráter hegemônico e cooptador), a qual posta os corpos de modo binário e os circunscreve às categorias masculina e feminina. Tratava-se de, como nos

6 As competições foram: VIII Gay Games Chicago – 2006 (EUA), II World Outgames Copenhage – 2009 (Dinamarca), IX Gay Games Colônia – 2010 (Alemanha) e II North American Outgames Vancouver – 2011 (Canadá). Além disso, acompanhei atletas LGBTQIAP+ em nível local (Berlim), durante minha estada na cidade por quase 2 anos nesse mesmo período.

sugeriu Judith Butler (2003, p. 22), criticar as categorias de identidade que “as estruturas jurídicas contemporâneas engendram, naturalizam e imobilizam”.

Tais sujeitos se designavam, igualmente, atletas, mesmo que não o fossem ou encampassem, necessariamente, aquilo que o senso comum entende por “atleta” (isto é, um corpo regularmente treinado, atravessado por substâncias alimentícias e injetáveis, pronto para apresentar performance e desempenho). Esses atletas (gays, mas também assexuados, bissexuais, *queer*, outros ainda “a-gêneros” ou transgêneros) negociavam com a chamada “masculinidade hegemônica” (CONNELL, 2005), apresentando o que acabei por definir como uma “masculinidade *queer*”, ou seja, uma “masculinidade” nem dominante, tampouco subordinada, mas constantemente em negociação. Eu a denominei “masculinidades *queer*”, justamente por seu caráter descentralizador e abjeto.⁷

São tipos performatizados de “masculinidades” por diferentes e diversos sujeitos, que interseccionam marcadores de diferença, como etnia, classe social, gênero e geração. Dessa forma, alguns dos entrevistados (como o atleta transexual mexicano, o idoso gay estadunidense de 70 anos, o corredor gay etíope e a tailandesa transexual voleibolista) apresentavam “substrato comum”, por assim dizer, que os aproximava. Ao passo que as “masculinidades hegemônicas” (dominantes ou prescritas) colhem frutos do *White, Anglo-Saxon and Protestant* (Wasp), as “masculinidades *queer*” (ou também podemos pensar em “feminilidades *queer*”) derivam de outros elementos subjetivos, em outro extremo. Entendi tais masculinidades não como pejorativas ou subversivas, mas como estratégias políticas de negociação. Masculinidades *queer* emergiram como estratégias discursivas de corpos desviantes naqueles ambientes esportivos inacreditavelmente masculinistas e machistas.

7 Apesar de polêmico, aqui utilizo o termo *queer* por querer marcar exatamente o caráter controverso e de pária adquirido por tais masculinidades em tal cena esportiva. Parte das pesquisas encampadas pelo livro *Sport, Sexualities, and Queer/Theory*, organizado por Jayne Caudwell (2006) trata das possibilidades analíticas da nomenclatura *queer* para entender o dispositivo da sexualidade nos esportes. Os textos do livro forneceram subsídios para a tese, particularmente os capítulos de Sykes (2006), McDonald (2006), Eng (2006) e Wellard (2006).

A partir da investigação sobre o cotidiano esportivo e privado dos atletas via uma etnografia multissituada, percebi a formação do que denominei zona dos dispositivos, por inspiração foucaultiana. Nessa zona trabalhei os elementos que afloraram da pesquisa de campo, transpassando sujeitos e relações sociais, e estabelecendo trânsito, movimento, proposições.

Dessa forma, problematizei os vestiários como espaços enigmáticos e ambíguos nos discursos e posturas dos atletas; estabeleci distanciamentos e aproximações entre banheiros e vestiários (masculinos, no caso) como locais em que as *práticas do olhar* são interditas, e onde se estabelecem, aleatoriamente, códigos sexuais e de gênero para os corpos (CAMARGO, 2014). Se esses códigos de gênero são prescritivos e obrigatórios, os códigos sexuais são interditos e incorrem em tabus, quando acionados. Tal reflexão me permitiu especular a respeito da relação entre olhar pornográfico e o voyeurismo erótico, estabelecidos em tais locais comuns e, definitivamente, não reconhecidos em espaços de práticas esportivas.⁸

A exploração dos vestiários me permitiu adentrar ao mundo dos "armários" ou closets, nos quais alguns dos atletas mantinham suas sexualidades. A partir do "estar fora" ou "estar dentro" do armário, por parte dos esportistas, traziam-me questões que colocavam em xeque um complexo sistema de controle (e autocontrole) de suas próprias sexualidades e das de outras(os), em um marco de referências sobre o "segredo" (a ser mantido ou liberado) do armário. Por meio das entrevistas, entendi que muitas vezes o armário da sexualidade era uma estrutura porosa e que algumas vezes o entrar/sair dela implicava um "armário para dois" ou conferia um "armário" para alguém que não precisava estar nele. O armário nunca tinha fundo e, como bem explicou Sedwigk (2007), era uma "pesada estrutura epistemológica que define a sexualidade no Ocidente".

Ainda consegui desenvolver interpretações sobre as chamadas festas esportivas em que participavam tais atletas e seus estritos códigos de vestimenta (ou *dress codes*) baseados em roupas esportivas⁹; ou ainda, sobre os eventos esportivos a que denominei circuitos itinerantes do desejo e

8 Recentemente esboço um desdobramento do raciocínio em Camargo (2019b).

9 Daí meu interesse nesse tópico temático, desenvolvido em Camargo (2017a).

para tal análise evoquei uma bibliografia sociológica sobre o “gueto homossexual” (conceito sociológico), os mercados, o consumo de entretenimento, o turismo sexual e a globalização (CAMARGO, 2015).¹⁰

Gostaria de registrar, portanto, que os dispositivos da sexualidade nesses atletas, nas competições por mim etnografadas, continham elementos oriundos dos dispositivos disciplinar e de segurança. Por exemplo, a Federação dos Gay Games (FGG), organizadora dos Gay Games, oficializa a regulação e controle da população LGBTQIAP+ em trânsito nos eventos via prescrições de “boas condutas” (ou *best practices* – como comportar-se para mostrar à sociedade heterossexual o quanto tais sujeitos são “civilizados”) e com isso disparando o dispositivo disciplinar, pois abomina qualquer prática de sexo em ambientes durante os jogos. Quando me referi a tais competições como “guetos sexualizados globais” (CAMARGO; RIAL, 2011) foi porque percebi que, em que pese esses discursos proibitivos e persecutórios, há microrresistências dos sujeitos que transformam o espaço para o regozijo próprio, inclusive com práticas de sexo em dados locais.

Para finalizar, apresento rapidamente esforços atuais de pesquisa, que continuam dialogando com Foucault, mas também interagem com os escritos de autoras(es) pós-estruturalistas como Judith Butler (2000, 2003, 2006, 2008), Paul B. Preciado (2008, 2014) e também Berenice Bento (2006) no estudo de corpos transexuais e intersexo no esporte. Da sexualidade ao gênero, porém, pensando como a centralidade do sexo mobiliza saberes e poderes em um tipo de controle mais sofisticado e complexo (o biopoder), que com suas tecnologias envolve elementos jurídicos e disciplinares de modalidades de poder passadas. Alguns casos na história do Olimpismo são paradigmáticos para compreender o controle, o modelamento, a “correção” e a “adequação” de corpos de tais atletas em espaços esportivos.

O caso mais notório é o da corredora sul-africana Caster Semenya, que há mais de 10 anos tem mobilizado os órgãos esportivos diretivos. Em 2009, quando foi campeã pela primeira vez nos 800 metros rasos, acabou

10 Neste último tópico temático não vou muito além nesse espaço, porque me distancio do propósito aqui estabelecido e porque saímos de uma seara bibliográfica que pensa o corpo para adentrar uma que enaltece a primazia do espaço.

levantando suspeitas sobre sua “condição de mulher”. Sob acusações de ser uma pessoa intersexo, devido a exames que mostraram a ausência de útero e a presença de testículos internos, a corredora vive dramas intermináveis, inclusive envolvendo a justiça esportiva (CAMARGO, 2019a).¹¹

As “polêmicas” têm um longo histórico na trajetória dos Jogos Olímpicos modernos e, inclusive, já provocaram a criação de testes de verificação de gênero e outras estratégias de biopoder (SILVEIRA, 2013). Foi o caso da polonesa naturalizada norte-americana Stella Walsh, medalhista nos Jogos Olímpicos de 1932 e 1936, que foi reconhecida como intersexo em 1980; de Heinrich Ratjen, em 1936, alemão que competiu no salto em distância representando o país em Berlim (consta que Ratjen fora obrigado pelos nazistas a inscrever-se como mulher, quando em realidade era homem); de Tamara Press, atleta soviética do arremesso de peso e lançamento de disco, que estabeleceu recordes nos Jogos Olímpicos de 1960 e 1964, sendo mais tarde “acusada” de ser intersexo; da também polonesa, Ewa Klobukowska, competidora do revezamento 4 x 100 metros nos Jogos de Tóquio (1964), que em razão de um teste de verificação sexual aplicado três anos mais tarde, foi declarada possuidora de “cromossomos masculinos” em seu organismo (CAMARGO, 2019b).

A problemática postulada pela World Athletics de que corpos – principalmente de mulheres – devem controlar seus níveis de testosterona para poderem competir clama por “justiça” e “igualdade de chances” quando, em realidade, visa estabelecer vigilância/controlar sobre corpos que não se encaixam no binarismo de gênero proposto pelo mundo esportivo. O argumento de uma “terapêutica para alterar níveis hormonais e poder competir” é uma desculpa que objetiva estabelecer “corpos legítimos”, que requisitam o status de “natural” e, por isso, seriam então legitimados (e autorizados) a atuarem no esporte de alto nível.

11 Em julho de 2019, o Superior Tribunal Federal da Suíça foi desfavorável ao recurso instituído por Semenya, o qual garantiu por alguns meses que ela competisse sem se sujeitar às novas regulamentações de controle hormonal da World Athletics (antiga Federação Internacional de Atletismo Amador IAAF). Diante disso, ela não pôde participar do Mundial de Doha, no Qatar, entre setembro e outubro passado daquele ano. Nova derrota nos tribunais esportivos retirou sua chance de participar dos Jogos Olímpico de Verão de Tóquio (2020).

A questão envolve gênero e também sexualidade. Homens e mulheres não são tratados da mesma maneira (e pelas mesmas lógicas) no universo esportivo, que, muitas vezes, mantém prerrogativas machistas e sexistas. O caso do nível de testosterona é um exemplo. Atletas homens, que possuem testosterona acima do limite permitido, podem se submeter a exames que atestem tal fato e, a partir disso, estão liberados para competir sem risco de serem flagrados em testes de doping. Atletas mulheres já passaram por muitos controles, dos grosseiros testes de sexo às humilhantes verificações de gênero, e, no caso de mulheres trans (que estão transicionando de um corpo biológico de homem para o de uma mulher), os alertas são colocados no nível máximo.

Parece sintomático que as questões se tornam "polêmicas" aos olhos de uma sociedade binária, machista e preconceituosa. Como aponte certa vez, corpos transgênero e intersexo se desviam das normas porque não cabem nelas (CAMARGO, 2017b), e nós, de uma sociedade que mantém um vicioso olhar para questões alheias relativas a corpos e sexualidades, devemos levar em conta que são corpos que talvez nunca terminem suas transições de gênero.

Quando consideramos o corpo de uma pessoa trans, em geral, tomamos como padrões os corpos biológicos cisgênero (que nunca questionaram o gênero a eles atribuído no nascimento), os quais tomamos como representantes legítimos, desconsiderando completamente as transformações em curso, propostas por corpos em transição. Há que se levar em conta, portanto, as transformações sofridas em cada corpo, não no sentido de observar "como", "de que forma" e se está transicionando ou se adaptando a um corpo biológico cisgênero, mas pensar numa perspectiva de que tal corpo permanecerá em processo e, muito provavelmente, se posicionando em fronteiras categoriais.

Notas finais

Minha intenção aqui foi resgatar parte de minha trajetória acadêmica como mote incentivador para que outras pesquisas sejam realizadas dentro

dos estudos sobre esportes e se utilizem das teorizações acerca da Sexualidade e dos Estudos de Gênero, porém não de uma perspectiva binária (DUNNING; MAGUIRE, 1987). A ideia deste capítulo foi deslocar o olhar e as considerações para o tema sexualidade no campo esportivo, uma discussão bastante tímida na trajetória dos vinte anos do GT de Esporte na RBA. Sem dúvida, falar de sexualidade implica entendê-la atravessada por fatores históricos e culturais (VANCE, 1995) e que, em muitas vezes, ela aparece em sintonia a gênero, seu complemento e contraponto. Este capítulo desenvolve um pequeno esforço de iluminar outros pontos dessa relação.

Os Grupos de Trabalho (GTs) voltados às práticas de esporte, lazer e sociabilidades, um debate teórico instituído como campo no interior da Antropologia desde os anos 2000 (GUEDES, 2010) têm aumentado em número e se multiplicado tematicamente, galgando uma repercussão ampla e importante, junto ao público acadêmico especializado. Há várias edições em que são mantidos dois GTs que garantem espaço para discussões temáticas específicas (futebol, gênero, sociabilidade, etc.) e também gerais (dos esportes). Como apontou Guedes (2010, p. 432), "por dialogarem os estudos sobre esporte com outros temas clássicos das Ciências Sociais, entre eles identidade social, relações raciais, gênero e sociabilidade, muito de sua produção encontra-se inserida em temáticas mais amplas".

Resta, no entanto, o desabrochar de temas mais contemporâneos como sexualidade, erotismo, homofobia, transgeneridade, intersexualidade, transfobia, entre outros, nos fenômenos socioculturais ligados aos esportes para diversificar o escopo de possibilidades e conseguir alavancar outra (e nova) literatura para discussões grupais.¹²

12 Na 29ª edição da RBA (em Natal, 2014), apresentei um texto intitulado *Corporalidades disruptivas? Considerações antropológicas sobre práticas esportivas específicas*, no qual pondero sobre a sexualidade em corpos dissonantes no esporte. Na 30ª edição (em João Pessoa, 2016), Rarielle R. Lima, da Universidade Federal do Maranhão, expôs um pôster com o trabalho *“É de brincadeira, professora!”: dizeres sobre as habilidades femininas nas aulas práticas de Educação Física Escolar* sobre associação do desempenho técnico e tático à sexualidade das meninas na brincadeira de pular elástico. Já nessa edição e na 31ª RBA (em Brasília, 2018), Bárbara Gomes Pires, do Museu Nacional/UFRJ, apresentou textos que desenvolveram discussões sobre intersexualidade nos esportes (respectivamente, os títulos foram: *Políticas de gênero, resoluções antidoping: quando a verificação de gênero da intersexualidade torna-se “doping natural” no esporte* e *Corpos elegíveis, corpos soberanos: sobre a regulação das variações intersexuais no esporte de alto rendimento*).

Referências

- BENTO, Berenice. *A (re)invenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond/Clam, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BROHM, Jean-Marie. 20 teses sobre esporte. In: BROHM, Jean-Marie et al. *Materiales de Sociologia del deporte*. 2. ed. Madrid: La Piqueta, 1993. p. 47-55.
- BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. In: LOURO, Guacira L. *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del 'sexo'*. 2. ed. Buenos Aires: Paidós, 2008.
- BUTLER, Judith. *Deshacer el género*. Barcelona: Paidós, 2006.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAMARGO, Wagner Xavier. Agenda trans para o esporte. *Ludopédio*, São Paulo, v. 122, n. 29, 2019a. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/agenda-trans-para-o-esporte/>. Acesso em: 28 dez. 2019.
- CAMARGO, Wagner Xavier. Atletas intersexo em competições esportivas. *Ludopédio*, São Paulo, v. 117, n. 28, 2019b. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/atletas-intersexo-em-competicoes-esportivas/>. Acesso em: 3 jan. 2020.
- CAMARGO, Wagner Xavier. Circulação do Desejo: esporte, corpos atléticos e práticas de sexo. *Textura: Revista de Educação e Letras (Ulbra)*, v. 17, n. 33, p. 110-138, 2015.
- CAMARGO, Wagner Xavier. *Circulando entre práticas esportiva e sexuais: etnografia em competições mundiais LGBTs*. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- CAMARGO, Wagner Xavier. Corpos Transgêneros no Esporte: algumas questões. *Contemporânea – uma (quase) revista*, Florianópolis, v. 6, p. 10-12, 7 jan. 2017b. Disponível em: https://www.academia.edu/31933761/Corpos_Transg%C3%AAneros_no_Esporte_algumas_quest%C3%B5es. Acesso em: 4 jan. 2020.
- CAMARGO, Wagner Xavier. No reino da pornografia, futebol é coadjuvante. *Ludopédio*, São Paulo, v. 121, n. 37, 2019c. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/no-reino-da-pornografia-o-futebol-e-coadjuvante/>. Acesso em: 2 jan. 2020.
- CAMARGO, Wagner Xavier. Notas Etnográficas sobre Vestiários e a Erotização de Espaços Esportivos. *Revista Ártemis*, v. 17, n. 1, p. 61-75, 2014.
- CAMARGO, Wagner Xavier; RIAL, Carmen S. Competições esportivas mundiais LGBT: guetos sexualizados em escala global? *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 977-1004, set./dez. 2011.

CAMARGO, Wagner Xavier. 'Vestidos para transar': notas etnográficas sobre roupas esportivas masculinas e festas de sexo. In: SIMILI, Ivana Guilherme; BONADIO, Maria Claudia (Eds.). *Histórias do vestir masculino: narrativas de moda, beleza, elegância*. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá – Eduem, 2017a. p. 151-174.

CÉSAR, Maria Rita de A. O dispositivo da sexualidade ontem e hoje: sobre a constituição dos sujeitos da anomalia sexual. *Revista Dois Pontos*, Curitiba/São Carlos, v. 14, n. 1, p. 243-252, 2017.

CONNELL, Robert W. *Masculinities*. 2. ed. Berkeley: University of California, 2005.

DUNNING, Eric; MAGUIRE, Joseph. A relação entre os sexos no esporte. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 321-348, 1997.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Diffel, 1992.

ENG, Heidi. Queer athletes and queering in sport. In: CAUDWELL, Jayne (Org.). *Sport, sexualities and queer/theory*. London: Routledge, 2006. p. 49-61.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora. *Estudos de Gênero no Brasil. 20 anos depois*. In: MICELI, Sergio; MARTINS, Carlos Benedito (org.). *Sociologia Brasileira Hoje*. Cotia: Ateliê Editorial, 2017. p. 283-357.

FACCHINI, Regina; DANILIAUSKAS, Marcelo; PILON, Ana C. Políticas sexuais e produção de conhecimento no Brasil: situando estudos sobre sexualidade e suas conexões. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 44, n. 1, p. 161-193, 2013.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber I*. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)*. Tradução de Andrea Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FRANÇA, Isadora Lins. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

FRANCH, Mônica; NASCIMENTO, Silvana. *A produção antropológica em gênero e sexualidades no Brasil na última década (2008-2018)*. BIB, São Paulo, n. 92, 2020 (publicada em abril de 2020), pp. 1-29

GAGNON, John. *Uma interpretação do desejo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GROSSI, Miriam P. Gênero, sexualidade e reprodução: a constituição dos estudos sobre gênero, sexualidade e reprodução no Brasil. In: MARTINS, Carlos B.; DUARTE, Luiz Fernando D. *Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: antropologia*. São Paulo: Anpocs, 2010. p. 293-340.

GUÉDES, Simoni Lahud. Esporte, lazer e sociabilidade. In: MARTINS, Carlos B.; DUARTE, Luiz Fernando D. *Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: antropologia*. São Paulo: Anpocs, 2010. p. 431-456.

GUTTMANN, Allen. *The Erotic in Sports*. New York: Columbia University Press, 1996.

MCDONALD, Mary. Beyond the pale: the whiteness of sport studies and queer scholarship. In: CAUDWELL, Jayne (Org.). *Sport, sexualities and queer/theory*. London: Routledge, 2006.

PISCITELLI, Adriana *et al.* Apresentação. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria F.; CARRARA, Sérgio (Orgs.). *Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 9-35.

PISCITELLI, Adriana. Prefácio. In: DÍAZ-BENITEZ, Maria E.; FIGARI, Carlos E. *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Tradução de Maria Paula Ribeiro. São Paulo: N-1 Edições, 2014.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Testo yonqui*. Madrid: Espasa, 2008.

SCOTT, Joan. Gender: a useful category of historical analysis. *The American Historical Review*, v. 91, n. 5, p. 1053-1075, 1986.

SEDGWICK, Eve K. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 1, n. 28, p. 19-54, 2007.

SILVEIRA, Viviane Teixeira. *Tecnologias e a mulher atleta: novas possibilidades de corpos e sexualidades no esporte contemporâneo*. 2013. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SYKES, Heather. Queering theories of sexuality in sport studies. In: CAUDWELL, Jayne. (Org.). *Sport, sexualities and queer/theory*. London: Routledge, 2006. p. 13-32.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002). *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, São Paulo, n. 52, p. 133-165, 2001.

VANCE, Carole S. A Antropologia redescobre a Sexualidade: um comentário teórico. *Physis: Revista da Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 7-31, 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v5n1/01.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2021.

WELLARD, Ian. Exploring the limits of queer and sport: gay men playing tennis. In: CAUDWELL, Jayne (Org.). *Sport, sexualities and queer/theory*. London: Routledge, 2006. p. 76-89.